

Prolegômenos do desamparo na psicanálise*¹

Prolegomena of helplessness in psychoanalysis

Carina Freitas Passos*²

Anamaria Silva Neves*³

Lucianne Sant'Anna de Menezes*⁴

525

O presente artigo tem o objetivo de investigar a noção metapsicológica de desamparo (Hilflosigkeit), procurando elevá-lo ao estatuto de conceito. A condição de existência do sujeito na civilização é apoiada numa condição de desamparo do psiquismo. A mensagem freudiana é que o enfrentamento do desamparo é fundamental sendo necessário uma 'gestão do desamparo' seja pela via de destinos criativos (sua aceitação) seja pela via de destinos funestos (seu evitamento).

Palavras-chave: Desamparo, psicanálise, angústia, destinos do desamparo

*¹ Artigo originado da dissertação de mestrado em Psicologia intitulada Amor feminino: do desamparo à devastação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, 2017.

*² Instituto Educacional Maria Ranulfa: Fatra-Faculdade do Trabalho (Uberlândia, MG, Brasil).

*^{3,4} Universidade Federal de Uberlândia (Uberlândia, MG, Brasil).

Introdução

526 A experiência clínica das autoras no campo da violência e vitimização, em especial, à mulher e à criança, tem gerado novos interesses de pesquisa voltados às investigações em psicanálise com foco nas novas formas de subjetivação com as quais a clínica, a pesquisa e a transmissão da psicanálise se defrontam de modo peculiar. Uma das contribuições mais recentes (Passos, 2017), em que foram investigadas particularidades do sofrimento de mulheres que vivenciam situações de violência em suas parcerias amorosas, levou ao trabalho com alguns temas importantes como: desamparo, masoquismo, a constituição do sujeito feminino, vínculo e parceiro devastação. Este artigo parte de uma das inquietações geradas por essas pesquisas, que é a controversa entre psicanalistas sobre o termo desamparo em psicanálise, visto que não há a formalização deste conceito na obra freudiana.

Problematizar a concepção de desamparo é pertinente, pois possibilita pensar em seus desdobramentos nos processos de subjetivação, viabilizando analisar a forma de organização psíquica dos sujeitos e as vicissitudes possíveis para o desamparo. Nesse contexto, o objetivo deste artigo é investigar o termo desamparo a partir da compreensão metapsicológica da noção de desamparo em psicanálise, procurando elevá-lo ao estatuto de conceito. Trata-se do desamparo original, fundante e estruturante do sujeito, sendo, portanto, insuperável, e que irá mediar as relações possíveis estabelecidas pelo laço social.

É importante destacar a diferença entre a palavra e o estatuto de conceito que “desamparo” adquire em Freud: a *Hilflosigkeit* freudiana. Isso porque, segundo Birman (1999a), a “mágica palavra desamparo” (p. 11) é utilizada em concepções diferentes, o que repercute em uma confusão entre psicanalistas na compreensão da palavra e do conceito. Esse autor esclarece que “a magia investida nessa palavra (desamparo) é fonte inesgotável de enganos, tropeços e mal-entendidos entre os interlocutores envolvidos no diálogo sobre isso na psicanálise” (p. 11), visto que, no discurso freudiano, a palavra pode ser utilizada sem que esteja

se referindo ao conceito e o conceito apresenta-se sem que haja, necessariamente, a palavra.

Para Freud (1926[1925]/2006b), o desamparo psíquico supera a concepção meramente motora ou biológica, tendo em vista que se coloca como condição ao organismo biológico que, para além de necessidades vitais, precisa de um “Outro”¹ que o sustente psiquicamente, favorecendo sua constituição como sujeito.

Outro aspecto importante na compreensão da noção metapsicológica de desamparo é o fato de que é por conta do desamparo que o sujeito irá ligar-se a um objeto na tentativa de apaziguar o sofrimento. O laço social que o sujeito estabelece é que possibilitará a ilusão frente ao mal-estar, originado pela falta de garantias de ser e de existir do sujeito no mundo que é obrigado a uma renúncia pulsional como condição para viver em sociedade (Freud, 1930[1929]/2006d). O conflito irremediável entre as exigências pulsionais e as possibilidades de satisfação é constitutivo da condição subjetiva do humano, sendo o desamparo a base dessa condição: o desamparo fundamental (Freud, 1926[1925]/2006b). O caminho que cada sujeito percorre na tentativa de diminuir a angústia provocada pelo desamparo original é o que se coloca como uma questão: a gestão do desamparo (Menezes, 2012a).

A noção de desamparo (*Hilflosigkeit*) em psicanálise

A noção metapsicológica de desamparo está presente desde o início da obra freudiana, porém, é melhor caracterizada em “Inibições, sintomas e angústia”² (1926[1925]/2006b) e nos textos sociológicos “O futuro de uma

¹ Entende-se por “Outro”, ou Grande Outro, de acordo com a teoria lacaniana, a pessoa que, além de dispor de cuidados para com o bebê, insere-o na linguagem, ou seja, proporciona ao pequeno ser humano advir como sujeito, por fazer parte da estruturação de seu desejo. Esse Outro Primordial ampara a criança humana tanto em seu desamparo biológico quanto psíquico por supor-se que é um sujeito ao qual não existe a falta. O entendimento de Outro aqui apresentado é uma das nuances da concepção propostas na obra lacaniana. O que importa aqui é essa noção do Outro que funda o sujeito, o Outro Primordial ou Outro Materno que insere a criança na linguagem, apresentando-lhe o significante que simbolizará seu processo de subjetivação.

² De acordo com a *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Freud*, o termo utilizado é ansiedade, contudo, entende-se que o termo ‘angústia’ seria a tradução mais adequada a ser utilizada para a palavra *Angst*, conforme sugere Hanns (1996).

ilusão” (1927/2006c) e “O mal-estar da civilização” (1930[1929]/2006d) impondo-se a Freud como uma problemática de dupla face.

Para Birman (2014), “o registro psíquico do desamparo é algo de ordem originária, marcando a subjetividade humana para todo o sempre, de maneira indelével e insofismável” (pp. 39-40). Nessa perspectiva, sustenta-se a importância da compreensão da dimensão do desamparo por ser elemento que funda a subjetividade, tornando-se irrefutável e indiscutível.

Pereira (2008) problematiza acerca da tradução da palavra *Hilflosigkeit*, traçando um caminho que faz contraponto com a teoria da angústia. Para ele, “toda angústia comporta em si o germe de um trabalho para a elaboração da dimensão de desamparo” (p. 169) que todo sujeito enfrenta em sua constituição. O autor inicia a questão com uma tradução que trataria de uma incapacidade de se sair bem de situações difíceis e, posteriormente, destaca-a como desamparo, abandono e impotência. Para Menezes (2012b), “desamparo é uma boa tradução para *Hilflosigkeit*, porque essa falta de sustento, de proteção, implica a necessidade de um outro” (p. 26), da ajuda do outro que dê sustentação para aplacar a tensão interna que o bebê experimenta e com a qual é impossível lidar sozinho.

528 Laplanche e Pontalis (2001) propõem como tradução para *Hilflosigkeit*, “estado de desamparo” por que, para Freud, trata-se de um dado objetivo que significa a incapacidade do recém-nascido humano de “empreender uma ação coordenada e eficaz” (p. 112). Destacam, contudo, que no adulto, “o estado de desamparo é o protótipo da situação traumática geradora de angústia” (p. 112).

De acordo com os Índices Remissivos das *Obras Completas da Edição Standard Brasileira*, a palavra “desamparo” aparece, somente no volume XX, mais especificamente no texto “Inibições, sintomas e angústia” (1926[1925]/2006b), como “situação de desamparo” (p. 411). Contudo, para muitos autores, a noção metapsicológica do desamparo está presente desde os primórdios do pensamento de Freud, evidenciando a importância do termo em psicanálise, fato que contradiz a importância que é destacada somente nos escritos de 1926.

Em “Inibições, sintomas e angústia” (1926[1925]/2006b) “verifica-se que a angústia é um produto do desamparo mental da criança, o qual é um símile natural de seu desamparo biológico” (p. 136). Tais colocações apontam para uma teoria da angústia em que o ego é desamparado e abandonado à sua própria sorte diante do poder das excitações com as quais não consegue lidar e, portanto, a *Hilflosigkeit* é esse estado de desamparo psíquico que gera a angústia.

Em outro momento, fica estabelecida a correlação entre desamparo e a angústia de castração em que Freud (1926[1925]/2006b) assinala que “o ficar privado disto [perda do objeto] equivale a uma renovada separação dela [mãe], e isto, por sua vez significa ficar desamparadamente exposto a uma tensão desagradável, devido à necessidade pulsional, como foi o caso do nascimento” (p. 137). O desamparo é marcado desde o nascimento, porém, revivido em momentos de privação e separação da mãe e, posteriormente, a perda dos objetos — seio, voz, olhar e fezes, e mais destacadamente, o falo.

Ainda nessa obra, Freud (1926[1925]/2006b) ressalta que “o ego fica reduzido a um estado de desamparo em face de uma tensão excessiva devido à necessidade [não satisfeita], como ocorreu na situação do nascimento, e que a angústia é então, gerada” (p. 139). O estado de desamparo equivaleria a um momento em que, frente a uma necessidade que precisa ser satisfeita, a criança se angustia, analogamente à situação do nascimento em que ela é retirada do ventre materno e “jogada” no mundo sem garantias, ficando exposta a uma situação de perigo. O estado de desamparo estaria ligado a uma real possibilidade de perigo.

Lacan (1949/1998) apresenta a relação entre o desamparo e a imaturidade do corpo biológico humano estabelecendo uma correlação entre a falta de coordenação motora e o mal-estar sentido pelo *infant*. No texto “O estádio do espelho como formador do eu”, o autor ressalta que a

relação com a natureza é alterada no homem por uma deiscência do organismo em seu seio, por uma Discórdia primordial que é traída pelos sinais de mal-estar e falta de coordenação motora nos meses neonatais. A noção objetiva do inacabamento anatômico do sistema piramidal, bem como de certos resíduos humorais do organismo materno, confirma a visão que formulamos como o dado de uma verdadeira prematuração específica do nascimento no homem. (p. 100)

Nesta perspectiva, Lacan (1949/1998) corrobora com as hipóteses freudianas da necessidade de cuidados da criança por seu desamparo motor, sendo esta, portanto, uma condição primitiva na qual a criança se depara por ser desprovida de recursos e lançada ao mundo sem garantias que mobilizará a ligação com o Outro materno estabelecendo relação com seu desejo. Lacan (1959, apud Pereira, 2009) ressalta que “é no drama do desejo do sujeito ao desejo do Outro que se constitui uma estrutura essencial” (p. 234).

Menezes (2012b), ao fazer uma análise da palavra desamparo, destaca que “o desamparo é um termo que pressupõe a existência do outro” (p. 24), visto que implica proteção, auxílio, socorro. Desta forma, a autora destaca

que estar privado de amparo, ou seja, desamparado, implica uma condição de abandono, solidão e esquecimento. Refere-se ainda, à ideia de separação contida na palavra desamparo (des-sem + amparo), fazendo contraponto entre o amparo que sustenta, a mãe, e a separação dela, como fundamental para emergir o sujeito, sem “um ser onipotente que lhe garanta uma estabilidade para sempre” (p. 25), mostrando a importância do desamparo como separador do Outro primordial, lançando o indivíduo humano para a constituição como sujeito.

Análogo ao estado de desamparo, Freud (1926[1925]/2006b) cita o perigo de desamparo psíquico como “apropriado ao perigo de vida quando o eu do indivíduo é imaturo; o perigo da perda de objeto, até a primeira infância, quando ele ainda se acha na dependência dos outros; o perigo de castração, até a fase fálica; e o medo de seu superego, até o período da latência” (p. 140). Deste modo, o autor faz uma alusão à geração de angústia frente a uma situação de perigo, de maneira que a criação do sintoma removeria o ego desta situação. Se houver impedimento na formação do sintoma, de fato o perigo se instala e se estabelece uma situação análoga ao trauma do nascimento, “na qual o ego fica desamparado em face de uma exigência pulsional constantemente crescente — o determinante mais antigo e original da angústia” (p. 142).

530

Posteriormente, Freud (1926[1925]/2006b) esclarece que uma situação de desamparo é denominada de situação traumática. Para ele, o “indivíduo terá alcançado importante progresso em sua capacidade de autopreservação se puder prever e esperar uma situação traumática dessa espécie que acarrete desamparo, em vez de simplesmente esperar que ela aconteça” (p. 161). Desse modo, uma situação de perigo é a expectativa frente a instalação de uma situação traumática geradora de angústia. É nesta situação que o ego dá o sinal de angústia, anunciando que espera que uma situação de desamparo aconteça. Se o sinal falha, instala-se a angústia automática, “na qual o determinante fundamental é a ocorrência de uma situação traumática, tendo como protótipo uma experiência de desamparo por parte do eu face a um acúmulo de excitação com o qual não pode lidar” (Menezes, 2012b, p. 63).

De acordo com Birman (1999a), devido à prematuridade biológica, “o organismo humano precisaria do outro, de maneira absoluta, como condição *sine qua non* para sua sobrevivência enquanto organismo” (p. 19), atribuindo ao outro a inscrição da ordem ao infante que nasce marcado pela desordem.

Freud (1926[1925]/2006b) ressalta que as manifestações da angústia na criança ocorrem devido à condição que ela se encontra, na qual sente falta de

alguém que ama e, com isso, saudade. Tal fato pode ser observado, segundo o autor, quando a criança está sozinha, no escuro ou com uma pessoa desconhecida, o que a leva a um anseio que se transforma em angústia devido a um sentimento da criança por uma situação de desorientação. Desta forma, a angústia surge como uma reação sentida pela perda do objeto amado que remete a criança à angústia de castração e ao medo de separação do objeto valioso, o que remonta à cena da angústia primeva (nascimento), em que ocorreu a separação real, separação esta, da mãe.

Freud (1926[1925]/2006b) demonstra que a angústia se instalaria diante de qualquer sinal da possibilidade da perda do objeto amado. Entretanto, ao articular angústia e castração, o autor reporta a situação geradora de angústia como sendo a perda do amor do objeto e não mais a necessidade ou medo de perdê-lo. Assim sendo, o que o sujeito teme não é a perda do objeto em si, mas a perda do amor do objeto, o que equivaleria a deixar de ser amado.

Em Pereira (2008), o desamparo que havia sido colocado no início da obra freudiana como a incapacidade do recém-nascido em atender suas necessidades vitais, no final é retomado e reelaborado, sendo tratado na “perspectiva da radical falta de garantias do ser humano” (p. 127). Neste sentido, o autor, elaborando a noção de desamparo em Freud, aponta que “desde esta primeira tentativa de elaboração teórica, a questão do desamparo motor e psíquico [*motorische – psychische Hilflosigkeit*] apresenta-se como fundamento de um fenômeno psíquico muito complexo e de extrema importância” (p. 137).

Menezes (2012b) destaca que a noção metapsicológica de desamparo refere-se a uma problemática que foi se instituindo ao longo da obra freudiana. Trata-se de uma ideia que implica uma *dimensão de desamparo*, independentemente de sua concretização em uma situação traumática. Assim sendo, há a *condição de desamparo*, fundante e estruturante do psiquismo, portanto, relativa ao funcionamento do psiquismo, concernente à linguagem na sua dimensão simbólica (somos seres de fala); e a *situação de desamparo*, como materialização dessa condição instalada na *situação traumática*, referente ao excesso pulsional que não pôde ser simbolizado. Com isso, a autora mostra que a problemática do desamparo, em Freud, apresenta-se com dupla face, apontando uma *face erótica e sexual*, referente a um lugar infantil e a sexualidade traumática herança da mãe (desamparo original); e *outra face da falta de garantias* do sujeito que é impelido à renúncia pulsional, o que o levaria ao laço social devido ao “mal-estar” causado pela frustração pulsional, conforme trabalhado no artigo “Inibição, sintoma e angústia”

(1926[1925]/2006b), que sustenta a primeira face, e nos textos “O futuro de uma ilusão” (1927/2006c) e “O mal-estar na civilização” (1930[1929]/2006d) que desdobra sobre a segunda face.

Nesse sentido, a essência do mal-estar na cultura não deve ser remetida à tensão entre as exigências civilizatórias e a renúncia das pulsões, como se costuma fazer, mas é, particularmente, para o *sentimento de desamparo*, contexto em torno do qual giram os destinos do afluxo pulsional que devem ter a nossa atenção (Birman, 2006; Menezes, 2012b).

Para Besset (2002), “ao falar de desamparo, designamos um estado e ao falarmos de angústia nos referimos ao afeto que invade o sujeito. Sendo assim, é de uma angústia primordial, primeira, que se supõe na base do nascimento do sujeito, que se trataria do desamparo” (p. 212). Deste modo, é o estado de desamparo que provoca a afetação do sujeito pela angústia, na tentativa de aplacar o desespero frente ao desamparo fundamental do qual nenhum sujeito escapa.

A situação de desamparo se apresenta como momento real, concreto em que a desintegração do corpo é posta. Para Pereira (2008), em momentos da desintegração do corpo-próprio, que causa “fragmentação terrificante de um corpo reduzido a partes independentes e não integradas” o desamparo se apresenta como uma manifestação positiva “deixando de ser apenas o horizonte da falta de garantias” (p. 237). Nessas condições encontra-se o sujeito que, por exemplo, pelo ataque de pânico, diante da experiência de possibilidade da morte eminente, “parece tentar levar sua experiência de desamparo a um nível mais extremo, mais insuportável, como forma de obter certo domínio sobre ela” em “um esforço extremo no sentido de capturar o inominável” (Pereira, 2008, pp. 39-40). Nesse sentido, o ataque de pânico se apresentaria como tentativa de apaziguamento frente ao insuportável, do desamparo fundamental.

Ainda segundo Pereira (2008), “para Lacan, a dependência da criança em relação à mãe é sobretudo uma dependência de amor (desejo de desejo) e não vital” (p. 232), sustentando que o desamparo do ser humano está para além da necessidade biológica. Nessa situação, há um correlato entre desamparo e o objeto *a*, na teoria lacaniana, estando o desamparo no estatuto de um resto não assimilável, fora da linguagem por uma precariedade fundamental que corresponde a uma dimensão de fragilidade da apreensão simbólica, ou seja, o desamparo estabelece-se como correlato daquilo que escapa ao simbólico.

Birman (1999a) aponta a relação de “dívida com o outro” que se impõe ao sujeito frente à sua condição de desamparo. Segundo esse autor, “o sujeito

se constitui pelo trabalho do outro, pela mediação de uma dependência da qual jamais se libertará” (p. 25) e com o qual estabelece uma dependência absoluta.

No desamparo há uma relação intrínseca com a castração. É a castração que anuncia para o sujeito a impossibilidade de completude, de alcançar o objeto perdido, desde sempre, e que estrutura o sujeito por sua relação com o falo, o que o coloca nas vias do desejo. O desamparo se apresenta como aquilo que emerge o sujeito da relação com o Outro, Outro que o sujeito supõe ser completo e que aplacaria sua falta. Há, nesse contexto, um duplo sentido relativo ao Outro: por um lado possibilita o surgimento do sujeito, por outro, o apaga se não possibilitar ao sujeito uma via de acesso ao desejo.

É o desamparo que garante a relação com o Outro e essa relação implica os destinos que o sujeito escolherá para o seu desamparo. Pereira (2008) aponta que na teoria lacaniana o desamparo é estruturante, sendo “uma condição estrutural em face da qual o indivíduo deve se situar” (p. 234). Assim, o desamparo em sua relação com o eu e a angústia lança o sujeito em busca do objeto perdido, objeto este, causa de desejo.

A angústia apresenta-se, portanto, como algo positivo visto ser uma reação do eu como defesa frente a seu desamparo. Esse caminho irá conduzir o sujeito no atravessamento da dimensão imaginária pela via das coordenadas simbólicas. Em contrapartida, esse acesso ao simbólico produz alívio ao sujeito, mas leva-o a “uma organização simbólica do mundo que repousa sobre uma base de desamparo” (Pereira, 2008, p. 236), o que denota a função original e fundamental do desamparo na constituição do sujeito.

Nesse sentido, é pelo horror da castração do Outro, ou seja, por se deparar com a castração da mãe, enquanto Outro primordial, que o sujeito se depara com o lugar do vazio de significantes e terá que se haver com a falta de garantias revelada pela linguagem e que o fará avançar em busca de seu desejo, o posicionará fazendo uma barreira, possível, frente ao desejo do Outro.

Para Pereira (2008), “a angústia do sujeito é a de não saber ao certo quem mesmo ele é e que lugar ocupa em relação ao desejo onipotente” (p. 233) do Outro. A angústia estaria dessa forma na base do *Hilflosigkeit*, do desamparo. A angústia apresenta-se pela falta total de garantias do sujeito sobre o lugar que ele ocupa no desejo do Outro, pelo *Che vuoi?* e pelo *Quéquielequé?* do sujeito em relação à opacidade do desejo do Outro.

Nessa perspectiva fica posta a concordância com Pereira (2008) de que “Toda angústia comporta em si o germe de um trabalho de elaboração da

dimensão de desamparo” (p. 169), uma tentativa de simbolização do transbordamento da situação de desamparo, de um sinal do eu que o sujeito não consegue enfrentar.

Isso evidencia que é por meio do Outro que dá contorno ao corpo do bebê, pelo investimento libidinal desse Outro primordial, que será possível ao infante se organizar, tendo de se haver com o excesso do desejo do Outro, pois o mesmo Outro que possibilita ao bebê emergir como sujeito, o desorganiza por uma presença excessiva, por um “excesso de presença, atendendo em demasia a demanda”, segundo Fonseca (2009, p. 41), impossibilitando à falta faltar. A autora esclarece ainda que o excesso da presença do Outro marca a ausência do objeto como causa, produzindo no sujeito um excesso e perigo de desvanecimento.

A angústia é aquilo que não engana, pois nela está o objeto que a causa, a saber, o objeto pequeno *a*. É por meio da angústia que “é constituinte da inserção do sujeito na linguagem e na sua relação ao desejo do Outro” (Pereira, 2008, p. 233) que o sujeito produz sua relação sintomática com o objeto de amor, na tentativa de apaziguamento de seus anseios. Dito de outro modo, a angústia está diretamente ligada ao desamparo devido à condição relacional com o objeto que está desde sempre perdido e que o sujeito busca encontrar.

534

Fonseca (2009) mostra que:

Apesar de afirmar que a angústia não se relaciona com a presença-ausência da mãe, é possível entrever no texto laciano a relação entre o objeto *a* e as primeiras experiências da criança com o Outro, numa aproximação evidente da *das Ding* freudiana; experiências relacionadas à constituição do sujeito e a sua separação do desejo do Outro. (p. 41)

Por essas considerações entende-se que no cerne da questão da angústia, e conseqüentemente do desamparo, está a relação entre a criança, o Outro e o objeto perdido.

Lacan (1963/2005) ressalta que o “primeiro momento de angústia, que a experiência analítica abordou pouco a pouco em torno do trauma do nascimento” (p. 340) é bem articulado à angústia do desmame, momento esse observado como decisivo na angústia. Cabe destacar ainda, seguindo este autor, que

É na possibilidade de agarrar ou soltar esse seio que se produz o momento de surpresa mais primitivo, às vezes apreensível na expressão do recém-nascido, na qual passa pela primeira vez o reflexo — relacionado com esse órgão que é muito

mais que um objeto, que é o próprio sujeito — de algo que serve de suporte, de raiz para o que, num outro registro, foi chamado de desamparo. (p. 340)

Desta forma, pode-se apreender a relação entre a angústia primeva, vivida com o trauma do nascimento e a angústia do desmame colocando em questão a relação entre o desamparo e o objeto *a*, neste ato, como substituto ao seio materno.

Para Menezes (2012b), “a angústia funda-se sobre a *Hilflosigkeit*” (p. 63) e surge, em primeira instância, a partir do trauma do nascimento (angústia automática) e, posteriormente, como resposta a qualquer ameaça de instalação de uma situação traumática (angústia sinal).

Freud (1926[1925]/2006b) destaca que:

A primeira angústia pela qual passa um indivíduo (no caso do ser humano, seja como for) é o nascimento, e, objetivamente falando, o nascimento é uma separação da mãe. Poderia ser comparado a uma castração da mãe (equiparando a criança a um pênis). Ora, seria muito satisfatório se a angústia, como símbolo de uma separação, devesse ser repetida em toda ocasião subsequente na qual uma separação, ocorresse. (p. 129)

Por esse trecho, entende-se que a angústia surge como tentativa de separação do outro que tenta fundir-se ao sujeito. Menezes (2012b) destaca que é pela mediação do outro que o bebê vivenciará a primeira experiência de satisfação, colocando o bebê à mercê desse Outro primordial. Nessa experiência, o que está em jogo é a questão do desejo do Outro que ao cumprir a função de cuidados, a função materna, desempenha a erogenização do corpo do bebê, promovendo a dependência deste com o amor, do Outro.

De acordo com Harari (1997),

O objeto que provoca a angústia no neurótico é *a* a-Coisa, ou seja, o desejo do Outro enquanto exige que o sujeito apague seus limites, entregando-se(-lhe) de forma incondicional. Lacan assinala que nesse lugar se encontra, supostamente, uma espécie de gozo que seria alcançado mediante tal entrega. Tal gozo não existe, mas nem porque esse gozo do Outro não existe, se deixa de acreditar nele. O sujeito, a partir de seu gozo parcial, limitado, restrito, enquanto fálico, presume a existência de um gozo total, ao qual não atribui outra localização senão a situável no campo do Outro. (p. 76)

Com isso há uma correlação intrínseca entre desamparo e angústia, de que um não é sem o outro, e cabe destacar que o sintoma do sujeito é produzido como forma de aplacar o desamparo e a angústia numa tentativa de apaziguamento do sofrimento.

Para Freud (1926[1925]/2006b), o ego, como organização de parte do id, tenta “impedir que os sintomas permaneçam isolados e alheios utilizando todos os métodos possíveis para agregá-los a si de uma maneira ou de outra, e para incorporá-los em sua organização por meio desses vínculos” (p. 101). Desse modo, o ego une-se ao sintoma para torná-lo parte dele mesmo.

Birman (2014) aponta que todo “sujeito é desamparado por vocação, não por acidente histórico-evolutivo” (p. 40), apontando para a função fundamental do desamparo na constituição subjetiva. É pela ânsia de dar destino a seu desamparo que o ser humano irá produzir e se organizar subjetivamente, ligando-se a objetos.

Frente ao indiscutível destino do qual nenhum sujeito pode escapar, cabe analisar as vicissitudes possíveis para o desamparo do ser imerso na linguagem para compreender a forma com que se articulam a condição de desamparo, que é constitutiva do sujeito, acompanhando-o desde seu nascimento até a morte, e a gestão do desamparo, necessária para o viver e a manutenção da civilização.

536 **Desamparo e suas vicissitudes³**

O desamparo enquanto original da subjetividade apresenta-se como unânime em autores como Birman, Menezes e Pereira em leituras que fazem da obra freudiana. Partindo desse pressuposto, há que se pensar em quais as vicissitudes o desamparo coloca-se para o sujeito para ponderar, posteriormente, sobre suas formas de gestão.

Para Menezes (2012b), não se pode negar a necessidade de cuidados, de amparo que o bebê humano precisa para sua sobrevivência. Porém, na perspectiva do psiquismo, essa relação do bebê com o outro irá implicar “uma série de vicissitudes na vida do sujeito” (pp. 36-37).

Os perigos enfrentados na infância (perigo do desamparo psíquico, medo da perda do amor, angústia da castração, medo do supereu e medo da morte)

³ Cabe destacar que o termo vicissitudes aqui empregado depreende-se por entender as manifestações do desamparo como algo não estático, visto que, em Psicanálise, há sempre o movimento na contínua produção dos processos de subjetivação. Nesse sentido, há uma relação intrínseca entre o desamparo e as pulsões, ou seja, ambos são fundantes do psiquismo e estão presentes em todo o processo de desenvolvimento do sujeito e no decorrer de toda a vida.

conduzem a um valor exagerado atribuído ao objeto que se torna a única proteção frente a toda situação de desamparo (situação traumática). Desse modo, Freud (1926[1925]/2006b) ressalta que:

O resultado indesejável de “estragar” uma criancinha é ampliar a importância do perigo de perder o objeto (sendo o objeto uma proteção contra toda situação de desamparo) em comparação com qualquer outro perigo. Ele, portanto, estimula o indivíduo a permanecer no estado de infância, cujo período de vida se caracteriza pelo desamparo motor e psíquico. (p. 162)

Pelo trecho acima Freud (1926[1925]/2006b) nos deixa a mensagem da importância do enfrentamento do desamparo no desenvolvimento infantil, já que o estado de infância corresponde ao desamparo motor e psíquico, tal qual a maneira que as funções materna e paterna serão exercidas, será determinante na constituição de alicerces básicos para o funcionamento da vida psíquica. “A *Hilflosigkeit* de Freud expressa a dimensão fundamental e insuperável sobre a qual repousa a vida humana: a condição de existência do sujeito no mundo (na civilização) é apoiada numa condição de desamparo do psiquismo” (Menezes, 2012a, p. 104).

O enfrentamento do desamparo, então, torna-se fundamental tanto para organização psíquica como para a manutenção da civilização. Na “arte de viver”, como mostra Freud (1930[1929]2006d) o homem cria técnicas para afastar o sofrimento: no isolamento espontâneo, na ingestão de drogas e no aniquilamento das pulsões. De toda forma, tenta lidar com sua vida pulsional nos deslocamentos da libido (sublimação; ligações com objetos) e na satisfação alcançada na fantasia (fruição da arte; delírio psicótico; e na “fuga para enfermidade neurótica”). Porém, como nenhuma dessas técnicas nos traz a felicidade eterna, visto que a felicidade é um problema da economia da libido, todo ser humano tem de criar possibilidades afetivas no enfrentamento do seu desamparo.

Com a problemática do desamparo no campo do social (Freud, 1930[1929]2006d), não haveria mais uma terapêutica possível, mas “a necessidade de uma espécie de gestão interminável e infinita do conflito pelo sujeito” (Birman, 2014, p. 129), a ‘gestão do desamparo’. Tal aspecto nos remete à experiência clínica, tendo em vista que “é uma experiência que leva o sujeito em face de seu desamparo, portanto, de como lidar com a condição de desamparo” (Menezes, 2012b, p. 92). A direção da cura na clínica psicanalítica é no sentido de levar o sujeito de volta ao confronto com seu desamparo, de modo a criar um estilo subjetivo de ser que dê conta de lidar com ele e viver em sociedade (Birman, 1996; Menezes, 2005).

Menezes (2012a) explica que na gestão do desamparo há duas vias de destinos possíveis: destinos criativos (sua aceitação) e destinos funestos (seu evitamento), em que o sujeito pode oscilar nos modos de subjetivação, aproximando-se mais do polo do narcisismo (eu ideal/amor de si) ou do polo da alteridade (ideal do eu/amor do outro). Nesta perspectiva, a autora demonstra que os destinos possíveis para o sujeito em relação ao desamparo se colocam por sua fragilidade estrutural.

Birman (1999) atribui ao masoquismo um delineamento da maneira pela qual o desamparo se “encorpa e se incorpora” (p. 28), sendo este um efeito da angústia real. Destaca que o masoquismo, em suas formas — erógeno, feminino e moral — estabelece critérios distintos em relação à condição fundamental de desamparo. No masoquismo erógeno, o desamparo original seria reconhecido e, com isso, há a possibilidade de estruturação subjetiva, enquanto nos masoquismos moral e feminino, haveria a recusa do desamparo, o que deixa o sujeito na posição de submissão ao outro, como forma de sustentação dessa recusa. Desse modo, o masoquismo se coloca como “posição crucial, seja como configuração estruturante, seja como forma de subjetivação defensiva” (p. 29) em relação ao desamparo fundamental, em que a mediação do masoquismo erógeno produziria a ação do sujeito no enfrentamento ao desamparo, ou seja, uma ação para a constituição do corpo erógeno, do sujeito do desejo, e que a ausência dessa mediação produziria uma subjetividade petrificada nas modalidades do masoquismo feminino e moral, modalidades equivalentes à submissão ao outro.

538

Em outro texto, Birman (2014) destaca que o sujeito que se encontra na posição de desamparo é tomado pelo excesso por ser acometido por uma “pressão constante das forças pulsionais” (p. 47) que o inundam e o colocam em diferentes direções. Deste modo, o sujeito no qual o destino possível do seu desamparo passa por seu evitamento, é, em contrapartida, invadido por aquilo do qual se quer evitar, dando, assim, um destino funesto para seu desamparo, sendo tomado por seu excesso. Aquilo que se tenta evitar é o que o invade.

Pela via do evitamento do desamparo são produzidas subjetividades que privilegiam a violência, a servidão e o masoquismo. Tais arranjos subjetivos são modos de subjetivação privilegiados na montagem perversa, uma aliança que encontra eco contra o desamparo de modo que esse mecanismo é uma forma de evitar o confronto com o desamparo, tornando-se, portanto, destinos funestos (Menezes, 2012b).

A negação da condição de desamparo ocorre tanto pelos modos de subjetivação que, segundo Birman (2006), acreditando sobrepujar a condição de desamparo, sustentam-se pelo horror do outro, achando que desta maneira

podem dominar tal condição; assim como, por aquelas formas subjetivas que acreditando se proteger contra o horror do desamparo, privilegiam as experiências do assujeitamento ao outro.

Neste sentido, a montagem perversa estabelece uma relação de contrato entre dominante e dominado e compõe uma trama em que os sujeitos encontram um destino possível frente ao seu desamparo original. Para Menezes (2012b),

Um dos maiores problemas dessa situação é que ela impede o ser humano de criar novas formas de viver no contexto histórico em que está inserido. Podemos dizer que as formas típicas de subjetivação contemporâneas são tentativas neuróticas e perversas de restaurar, num plano imaginário, a proteção onipotente por meio do gozo masoquista. Para fugir da condição originária de desamparo, para a qual sabemos não há saída, o sujeito pode estabelecer com o outro uma relação de servidão figurada pelos masoquismos moral e feminino, por exemplo, como dissemos acima. Sob esse ponto de vista, o masoquismo secundário poderia ser visto como uma defesa contra o erógeno, tendo em vista que o masoquismo primário (erógeno e originário) estaria fortemente associado à experiência de desamparo da criança, na sua dependência de um outro que satisfaça suas necessidades. Destaca-se aqui a importância da economia do masoquismo na experiência de subjetivação. (p. 117)

539

Compreende-se que uma das formas de significar o estado de falta de ajuda é pela tentativa de fuga do desamparo em que o sujeito, ao presentificar-se sem saída, estabelece a relação de servidão com o outro. Contudo, esta forma de saída para o desamparo, coloca um impasse para o sujeito ao paralisá-lo na dependência do outro.

Fonseca (2010) destaca que refletir sobre os tipos de masoquismo no sujeito continua atual e pertinente. Para o autor, o masoquismo é “um grande problema ligado à existência e à origem da subjetividade humana” (p. 145) e há que se aproximar de tais discussões para se pensar, na contemporaneidade sobre as modalidades de submissão, de autodestrutividade e de servidão voluntária como forma de organização psíquica em relação com o masoquismo.

Em outra perspectiva, Camargos, Prochno e Romera (2009) assinalam que há pelo menos dois caminhos possíveis para o desamparo do sujeito. Um caminho que lança o sujeito para o crescimento, para a luta e outro caminho que o paralisa, estaciona, aprisiona o sujeito. Tais considerações se colocam pela forma com que os sujeitos lidariam com as situações inusitadas de suas vidas e que os sujeitos por um lado, as enfrentariam ou, por outro, paralisariam diante das situações.

Em outra vertente, a problemática do desamparo apresenta-se correlacionada à constituição do psiquismo e dos ideais. Menezes (2012b) destaca que desde o início da obra freudiana, mais precisamente no “*Projeto para uma psicologia científica*” (1895/2006a), Freud coloca o desamparo como um dos dois fatores responsáveis pela gênese do supereu.

De acordo com o texto citado, para Freud (1895/2006a), “o desamparo inicial de todos os seres humanos é a *fonte primordial* de todos os *motivos morais*” (p. 370). Por esse trecho, entende-se que desde o princípio do pensamento freudiano, o desamparo original é fundante, está presente na constituição do sujeito, logo, constituinte do supereu por sua relação entre o ideal e a interdição (Menezes, 2012b).

De acordo com Birman (1999b), a feminilidade se articula com o desamparo pela inquietação e horror causados pela ausência da ordem fálica, da falta de garantias, pela defrontação com a finitude e incompletude. Birman (1999b) esclarece que:

a condição originária e inultrapassável do sujeito é a de estar desamparado em face do seu corpo e do seu mundo, não podendo contar pois com defesas seguras diante do perigo e da dor. Adviria daí o trauma e a angústia, reveladores desse desamparo originário. (p. 52)

Dessa forma, pode-se supor que há uma intrínseca relação entre o horror à feminilidade e o enfrentamento do desamparo, por ambos suscitarem no sujeito a condição de falta da qual o sujeito busca escapar.

Considerações finais

O desamparo, fundante e estruturante do sujeito possibilitará o laço social frente ao mal-estar imposto pela civilização, que busca organizar a desordem pulsional. Na psicanálise freudiana, a noção de desamparo surge a partir do desamparo físico, motor, mas alcança um para além, visto que o desamparo manifesta-se no psiquismo lançando o bebê no encontro com o Outro, do qual depende psiquicamente, para que emergja o sujeito.

É a partir da relação com esse Outro primordial que o sujeito encontrará uma possibilidade de enfrentamento ou aprisionamento nas formas de viver seu desamparo. O desamparo, enquanto estruturante e fundamental, lançará a criança, em uma alienação primordial que conduzirá o advir subjetivo a um destino criativo, no qual o desamparo é enfrentado e lança o sujeito ao

crescimento, ou a um destino funesto, em que, pela tentativa de fuga da condição de desamparo, há o aprisionamento na relação com o Outro. Nesse sentido, a gestão do desamparo é essencial para viver em sociedade.

Refletir, portanto, sobre a noção de desamparo em psicanálise, promove a compreensão da forma como os sujeitos se organizam psiquicamente, problematiza a análise das relações dos sujeitos e seus laços sociais, amplia o olhar às manifestações sociais de sofrimento em que estão implicados e oferece subsídios para minimizar a lógica das dialéticas do laço, ilusão fundamental.

Referências

- Besset, V. L. (2002, set.). Angústia e desamparo. *Revista mal-estar e Subjetividade*, II(2), 203- 215.
- Birman, J. (1996). *Por uma estilística da existência*. São Paulo, SP: Editora 34.
- Birman, J. (1999a). A dádiva e o Outro: sobre o conceito de desamparo no discurso freudiano. *PHYSIS: Ver. Saúde Coletiva*, 9(2), 9-30.
- Birman, J. (1999b). *Cartografias do feminino*. São Paulo, SP: Editora 34.
- Birman, J. (2006). *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2014). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação* (10ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Camargos, S. R. L. de, Prochno, C. C. S. C., & Romera, M. L. C. (2009, mar.). Desamparo primordial em Nietzsche e em Freud. *Pesquisas e práticas psicossociais*, 3(2), 157-166.
- Fonseca, M. C. B. (2009, jun.). O objeto da angústia em Freud e Lacan. *Reverso*, 31(57), 39-44.
- Fonseca, F. L. (2010). O masoquismo masculino nos sujeitos: a repetição inconsciente. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(3), 145-156.
- Freud, S. (2006a). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. I). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).
- Freud, S. (2006b). Inibições, sintomas e angústia. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XX). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1926[1925]).
- Freud, S. (2006c). O futuro de uma ilusão. In *Edição Standard Brasileira das Obras*

Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1927).

Freud, S. (2006d). O mal-estar na civilização. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1930[1929]).

Harari, R. (1997). *O seminário “A Angústia” de Lacan: uma introdução*. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios.

Hanns, L. A. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Lacan, J. (2005). *O seminário. Livro 10. A angústia*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1963).

Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ, Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1949).

Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (2001). *Vocabulário da psicanálise* (4ª ed.). São Paulo, SP: Martins Fontes.

Menezes, L. S. (2005, jul./dez.). Pânico e desamparo na atualidade. *Ágora*, VIII(2), 193-202.

Menezes, L. S. (2006). *Pânico: efeito do desamparo na contemporaneidade. Um estudo psicanalítico*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo/Fapesp.

542 Menezes, L. S. (2012a). *Psicanálise e saúde do trabalhador: nos rastros da precarização do trabalho*. São Paulo, SP: Primavera Editorial.

Menezes, L. S. (2012b). *Desamparo* (2ª.ed.). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Passos, C. F. (2017). *Amor feminino: do desamparo à devastação*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG.

Pereira, M. E. C. (2008). *Pânico e desamparo: um estudo psicanalítico*. São Paulo, SP: Escuta.

Resumos

(Prolegomena of helplessness in psychoanalysis)

This article aims to investigate the meta-psychological notion of helplessness (Hilflosigkeit), seeking to elevate it to the status of concept. The condition of the subject's existence in the civilization is supported by a condition of psyche helplessness. The Freudian message is that coping with helplessness is fundamental, and a 'management of helplessness' is necessary either through creative destinies (its acceptance) or through fateful destinations (its avoidance).

Key words: Helplessness, psychoanalysis, anguish, destinations of helplessness

ARTIGOS

(Prolegomènes d'impuissance en psychanalyse)

Le présent article vise à étudier la notion métapsychologique d'impuissance (Hilflosigkeit), en cherchant à l'élever au statut de concept. La condition d'existence du sujet dans la civilisation est soutenue dans un état d'impuissance du psychisme. Le message freudien est que l'affrontement de l'impuissance est fondamentale, et qu'une «gestion de l'impuissance» est fondamentale soit par le biais de destins créatifs (leur acceptation), soit par des destinations fatidiques (leur évitement).

Mots clés: Impuissance, psychanalyse, angoisse, les destinations de l'impuissance

(Prolegómenos del desamparo en el psicoanálisis)

El objetivo del presente artículo es investigar la noción metapsicológica del desamparo (Hilflosigkeit), buscando elevarlo al estatuto de concepto. La condición de existencia del sujeto en la civilización está apoyada en una condición de desamparo del psiquismo. El mensaje freudiano es que es fundamental enfrentar el desamparo, siendo necesaria una “gestión del desamparo”, ya sea por la vía de los destinos creativos (su aceptación) o por la vía de los destinos funestos (su evitación).

Palabras clave: Desamparo, psicoanálisis, angustia, destinos del desamparo

(Prolegomena der Hilflosigkeit in der Psychoanalyse)

Der vorliegende Artikel zielt darauf ab, den metapsychologischen Begriff der Hilflosigkeit zu untersuchen und ihn auf den Status des Konzepts zu heben. Die Existenzbedingung des Subjekts in der Zivilisation wird durch einen Zustand der psychischen Hilflosigkeit verstärkt. Freud behauptet, dass die Bewältigung der Hilflosigkeit grundlegend ist und ein „Management der Hilflosigkeit“ unabdingbar ist, welches entweder durch kreative Schicksale (ihre Annahme) oder durch verhängnisvolle Schicksale (ihre Vermeidung) erfolgt.

Schlüsselwörter: Hilflosigkeit, Psychoanalyse, Angst, Schicksale der Hilflosigkeit

543

Citação/Citation: Passos, C. F., Neves, A. S., & Menezes, L. S. (2018, setembro). Prolegómenos do desamparo na psicanálise. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 21(3), 525-544. <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2018v21n3p525.7>.

Editores do artigo/Editors: Profa. Dra. Ana Maria Rudge e Profa. Dra. Sonia Leite.

Recebido/Received: 3.4.2018/ 4.3.2018 **Aceito/Accepted:** 22.6.2018 / 6.22.2018

Copyright: © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original authors and sources are credited.

Financiamento/Funding: As autoras declaram não terem sido financiadas ou apoiadas / The authors have no support or funding to report.

Conflito de interesses/Conflict of interest: As autoras declaram que não há conflito de interesses / The authors have no conflict of interest to declare.

CARINA FREITAS PASSOS

Mestre em Psicologia Aplicada pela Universidade Federal de Uberlândia (Uberlândia, MG., Br); Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-Minas (Belo Horizonte, MG, Br); Docente no Instituto Educacional Maria Ranulfa: Fatra – Faculdade do Trabalho (Uberlândia, MG, Br).
carinapassos2013@gmail.com

ANAMARIA SILVA NEVES

544 Professora-doutora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (Uberlândia, MG. Br).
Instituto de Psicologia – IPUFU
Campus Umuarama – Bloco 2C – Sala 21
Av. Pará, 1720 – Bairro Umuarama
38400-902 Uberlândia, MG, Brasil
anamaria@umuarama.ufu.br

LUCIANNE SANT'ANNA DE MENEZES

Professora-doutora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (Uberlândia, MG. Br).
Instituto de Psicologia – IPUFU
Campus Umuarama – Bloco 2C – Sala 21
Av. Pará, 1720 – Bairro Umuarama
38400-902 Uberlândia, MG, Brasil
lucianne.menezes@ufu.br



This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.